

***Confira o artigo da presidente da FenaSaúde no Jornal DCI***

O Jornal DCI publicou na edição de hoje, dia 24 de janeiro, artigo da presidente da FenaSaúde, Solange Beatriz Palheiro Mendes, em que destaca a importância do setor de Saúde Suplementar para a sociedade brasileira.

Responsável por 3,3 milhões de empregos diretos ou indiretos no Brasil, o equivalente a 7,6% da força de trabalho ocupada em 2016, o setor pagou R\$ 36,4 bilhões em tributos em 2015, mas hoje enfrenta uma crise devido à alta tributação e à insustentabilidade dos custos que o atingem.

Confira abaixo o artigo na íntegra.

**COLUNA DE  
OPINIÃO**

**SOLANGE BEATRIZ  
PALHEIRO MENDES,**

**PRESIDENTE  
DA FENASAÚDE**



## Salvando vidas, gerando empregos

Alta tributação e insustentabilidade dos custos atingem em cheio o setor, independente da crise

**E**m um momento de instabilidade econômica, discutem-se formas de incentivo ao empresariado para aumentar a produtividade e, consequentemente, as taxas de emprego. Nessa direção, o desenvolvimento do sistema privado de saúde traz resultados que extrapolam a qualidade do atendimento assistencial. Apesar da queda de beneficiários de planos de saúde em 2016, esse bem é um dos itens de maior desejo da população.

O reconhecimento como produto primordial ao bem-estar das pessoas, muitas vezes, não demonstra algo que deveria ser objeto de maior debate: a roda da economia. O setor foi responsável por 3,3 milhões de empregos diretos ou indiretos no Brasil, ou 7,6% do total da força de trabalho ocupada em 2016. Entre 2009 e 2016, houve aumento de 27,7% no número de pessoas empregadas por toda cadeia privada, alta 3,5% ao ano.

Os números do mercado justificam seu peso na economia. Em 2016, a saúde suplementar apresentou R\$ 160,2 bi em despesas totais e gerou R\$ 160,4 bi em receitas. Os valores são correspondentes à assistência médica hospitalar de 48,3 milhões de beneficiários, que geraram mais de um bilhão de procedimentos clínicos. Tamanho gigantismo se reflete no total de tributos pagos pelo setor. Em 2015, os planos desembolsaram R\$ 36,4 bi – ou 32,3% do total arrecadado

do setor saúde no mesmo ano. Segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação, a carga tributária dos planos foi de 26,7%, em 2013, valor superior a setores como Saneamento, 16,6%, e Educação, 21,9%, no mesmo ano.

Apesar dessa pujança, o segmento não está imune à crise. A saída de mais de 2 milhões de beneficiários, em dois anos, é reflexo da recessão econômica. Mas não é de hoje que a saúde suplementar enfrenta dificuldades. A sustentabilidade da saúde privada está em jogo por conta de problemas estruturais, independentes da crise. Elevação crescente das despesas assistenciais e modelos de remuneração que incentivam os desperdícios são só a ponta do iceberg e, entre 2007 e 2016, as o setor chegou ao sexto ano de resultados negativos.

O cenário para 2017 é incerto e o setor projeta estabilidade do número de beneficiários. Estudos de 2016 apontam que, se tudo der certo, em 2020 a saúde suplementar poderá voltar ao nível de 2014. Um sistema suplementar forte e saudável não apenas protege vidas, como garante empregos, sustenta milhões de famílias e nutre os cofres do Estado. É dever de todos manter o sistema viável e, para isso, escolhas precisam ser feitas agora para evitar a ruína desse setor tão relevante à nação.

Enviar um e-mail

[fenasaude@approach.com.br](mailto:fenasaude@approach.com.br)



**Fonte:** CNseg, em 24.01.2017.